
A apreensão crítica da aceleração enquanto componente de uma noção contemporânea de literacias digitais: apontamentos para o debate¹

Michelle PRAZERES²
Faculdade Cásper Líbero, SP

RESUMO

Este artigo é um exercício reflexivo sobre a sugestão de se incorporar a questão da aceleração social do tempo à agenda das *literacias* digitais. Tendo em vista a midiatização e a “tecnologização” (algoritmização e dataficação) da vida e a aceleração como um componente cultural “carregado” e prescrito para os ambientes educativos que aderem a estas como “instrumentos”, o estudo explora a pertinência da proposta de (1) compreender a dimensão da aceleração como um elemento relevante deste cenário; e (2) contemplá-la em um programa crítico contemporâneo que olhe para as interfaces entre educação e comunicação. Se a docilidade às tecnologias e à agenda BigTech são parte de um projeto socializador, o exercício da crítica deve compor uma contra-agenda, tensionando o que hoje se compreende enquanto escopo das *literacias* digitais.

PALAVRAS-CHAVE: educação; comunicação; tecnologias; aceleração; *literacias* digitais.

O debate contemporâneo sobre as *literacias* digitais vem se aproximando da compreensão das tecnologias como entorno cultural. Anteriormente, mais focada em aspectos relacionados a uma apropriação dos aparatos e com ênfase na leitura crítica de conteúdos circulantes, a reflexão sobre a “leitura crítica das mídias” e – posteriormente – dos letramentos digitais vai gradativamente incorporando questões relativas ao universo da estrutura econômica e política das tecnologias (como, por exemplo, os debates sobre dataficação, algoritmização da vida e a necessidade de falar sobre a regulação do mercado e da atividade das empresas de tecnologia e dos ambientes plataformizados) como pautas pertinentes em situações de letramento para as mídias e tecnologias.

Este artigo tem como objetivo explorar a sugestão de que se incorporem à agenda contemporânea de *literacias* digitais as questões relativas à Agenda BigTech: pacote de valores gestado pelas grandes corporações de tecnologia e prescritos para ambientes educativos “modernizados” pelas tecnologias.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Comunicação e Semiótica (PUCSP) e Doutora em Educação (FEUSP). Docente do PPGCOM da Faculdade Cásper Líbero (SP). michelleprazeres@gmail.com

Para dar conta deste objetivo, faremos uma incursão sobre noções e conceitos que proporcionam estas costuras em um exercício teórico-argumentativo apoiado em revisão bibliográfica. Propõe-se a articulação de noções como: (1) cibercultura e literacias digitais; (2) *moderna socialização escolar*; (3) aceleração social do tempo; e (4) velocidade enquanto componente do *currículo oculto* BigTech. A partir destes alinhavos, explora-se a sugestão de incluir a questão da aceleração e da cultura da velocidade como componentes de um programa contemporâneo de *literacia* midiática e digital.

1. Literacias digitais

Em trabalho apresentado a este GP em 2014, Citelli (2014) caracteriza o contexto historicocultural que envolve as relações entre educação e comunicação e para onde convergem ao menos quatro grandes variáveis: (1) a abrangência dos meios de comunicação; (2) as reconfigurações sociotécnicas ou tecnotecnológicas; (3) os requisitos impostos por operacionalidades suscitadas pelos dispositivos comunicacionais; e (4) as novas formas de ser e estar dos sujeitos sociais frente à comunicação, aos processos de ensino e aprendizagem, aos acessos à informação e ao conhecimento.

O texto aponta questões-chave para a reflexão pretendida neste artigo, a respeito de um programa de *literacias* digitais que integre uma apreensão instrumental, econômica, cultural, política e crítica das mídias e tecnologias. Citelli afirma que

o amplo processo de midiatização circula por sujeitos, grupos, instituições, ajudando a compor modos de vida, formas de cultura, expectativas sociais. Conformam-se nestes lineamentos aquilo que Fredric Jameson chamou de capitalismo cognitivo ou da informação (CITELLI, 2014, p.3).

Nos últimos dez anos (e em especial nos últimos três, com acelerações proporcionadas pela adesão emergencial de aparatos tecnológicos em função das políticas de isolamento social necessárias por conta da pandemia de Covid-19), atravessamos um período de ampliação e aprofundamento das relações entre tecnologias e educação, indexadas agora pelo que se reconhece como capitalismo de dados ou capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2021).

A visão de que existe um “mercado de dados pessoais” (SILVEIRA, AVELINO; SOUZA, 2016) e o reconhecimento da “algoritmização da vida” (por meio de sistemas

de monitoramento e classificação de informações e comportamentos, especialmente pelas plataformas e redes sociais digitais) também adicionaram novos ingredientes ao terreno comum (e de “bordas borradas”) entre os campos da educação e das tecnologias.

O capitalismo em sua face mais avançada e contemporânea é marcado por uma centralidade da comunicação e do digital. A noção de midiatização define “a articulação entre o ambiente midiático e as práticas sociais dentro de um contexto histórico, social e político” (MARTINO, 2019). O autor explica que a ideia se ancora em três aspectos:

(1) a articulação, não “influência” ou “efeitos”, entre a (2) mídia, entendida, simultaneamente, como instituição, tecnologia e linguagem e (3) práticas sociais, compreendidas como ações cotidianas em seu contexto de desigualdades e conflitos históricos, econômicos e sociais.

A essa “midiatização generalizada”, Sodré (2014) dá o nome de *bios virtual*:

uma totalidade espacial virtualizada ou um "fato social total" (expressão do antropólogo Marcel Mauss para designar um fato que permeia as instâncias econômicas, políticas e culturais de uma sociedade), mas com duração continuada de uma forma de vida, um *bios*, característico de um novo tipo de ordem social (...) Em outras palavras, trata-se de um novo tipo de atrator ou operador social, mais temporal do que espacial, movido a tecnologia avançada (SODRÉ, 2014, p.143)

Silveira (2021) destaca que “a partir de meados da primeira década do século XXI, o capitalismo já convivia com a digitalização de diversos segmentos da economia” (...) “dando um salto em direção a uma economia dirigida por dados”. O autor lembra que “o arranjo de protocolos que constitui a internet é cibernético, ou seja, simultaneamente de comunicação e de controle”.

Com a emergência das redes de relacionamento online, a partir de 2004, e com a sua grande capacidade de concentrar as atenções, não somente metadados de navegação passaram a ser coletados. Todos os dados seriam fundamentais para aprimorar a formação do perfil de cada usuário- consumidor. O capitalismo digital se transformou em capitalismo digital- datafocado, ou seja, dirigido por dados (SILVEIRA, 2020, p.5).

Zuboff (2021) caracteriza esta fase como “Capitalismo de vigilância”, uma mutação do capitalismo da informação, que nos coloca diante de um desafio civilizacional (KOERNER, 2021). No capitalismo de vigilância, “as Big Techs – seguidas por outras empresas, laboratórios e governos – usam tecnologias da informação e comunicação (TIC) para expropriar a experiência humana, que se torna matéria-prima processada e

mercantilizada como dados comportamentais” (idem, p.1). Em condição de vigilância, o usuário “cede gratuitamente as suas informações ao concordar com termos de uso, utilizar serviços gratuitos ou, simplesmente, circular em espaços onde as máquinas estão presentes” (idem).

Prazeres e Ratier (2020) recuperam Martinez de Toda (2002) que, com base em revisão da literatura, defende iniciativas de *literacias* que favoreçam o desenvolvimento de um “sujeito multidimensional”: ativo (compara o texto da mídia com seu próprio contexto), conhecedor ou alfabetizado midiaticamente (tem um grande conhecimento sobre a mídia, dominando seus códigos e as bases da comunicação), maduro (libera e controla sua imaginação a partir dos estímulos da mídia, sabe se conectar e se desconectar), social (participa de grupos e comunidades interpretativas de construção de sentido), crítico (capaz de julgar e criticar a mensagem da mídia a partir de sua identidade cultural) e criativo (recria textos e escreve novas histórias). Ao buscar desvelar as relações existentes entre os contextos atuais de hiperinformação, desinformação e infociação e o processo de aceleração social do tempo, Prazeres e Ratier (2020) reconhecem que é preciso avançar e aprofundar as conexões ali vislumbradas.

A partir dos processos de midiaticização da cultura e de algoritmização da experiência, este contexto histórico cultural – marcado pela transição do capitalismo informacional-cognitivo para o capitalismo de dados (e/ou de vigilância) – apresenta desafios para o campo das *literacias* digitais, na medida em que representa uma expansão da abrangência das mídias e tecnologias em sua dimensão socializadora.

2. A Socialização contemporânea e a cibercultura

A socialização é um processo contínuo de transmissão e legitimação cultural (BERGER E LUCKMANN, 1987). Aqui, além dessa acepção mais ampla, a noção de cultura adquire o significado trabalhado por Bourdieu (2009), de práticas culturais que tecem relações sociais e mantém formas simbólicas em contextos ao mesmo tempo estruturados, estruturantes e dinâmicos. Assim, *socializar-se* seria a capacidade sistemática ou difusa de estabelecer uma visão de mundo por meio de processos formais ou informais, intencionais ou dissimulados de aprendizado. Ainda que pareça *desinteressado*, este processo não o é.

A socialização é um processo de *negociação* entre indivíduos e matrizes marcado também pela relação entre as diversas matrizes que estão em inter-relação constante entre si. E o produto desta relação constitui uma trama de sentidos, uma *configuração* (SETTON, 2002). Segundo a autora (2005), o processo de socialização contemporâneo possui uma particularidade, na medida em que diz respeito a uma configuração social e cultural altamente complexa e um único olhar — para apenas uma ou outra matriz de socialização — não é capaz de oferecer uma compreensão adequada do processo em sua integridade. Sendo assim, o contexto histórico e social das relações entre educação e tecnologias deve ser necessariamente analisado, tendo em vista a sua condição na contemporaneidade: de imbricação com a cibercultura.

A cibercultura é a cultura de um tempo, o espírito de uma época (TRIVINHO, 2007), a ambiência da contemporaneidade, o *sensorium* (BENJAMIN, 1996) da atualidade; ou ainda: de um *entorno* (MARTIN-BARBERO, 2014), tão presente para os indivíduos na contemporaneidade, quanto o natural e o social. É o que Sodré (2014) nomeia de *bios virtual*. Ou seja: ela está presente nos indivíduos, nas instituições e no *modus operandi* da sociedade; e – ainda que encontre suporte em suas estruturas materiais –, as extrapola, estabelecendo-se como presença no âmbito da *psique*, mesmo na ausência de suas ferramentas e representantes institucionais.

Até aqui, entendemos Educação e Tecnologias enquanto campos sociais, que se integram em um processo contínuo de socialização marcada, na contemporaneidade, pela cibercultura. Portanto, o empenho intelectual a ser feito é o de compreender como estes campos se articulam e não necessariamente os supostos “efeitos” gerados pela “influência” de um no outro.

Se os campos *comungam* (e promovem) um repertório, que se encontra em estado difuso na sociedade sob a forma de uma *crença*, esta socialização é marcada pela cibercultura, se localiza hoje em espaços sociais e educativos e encontra abrigo em *estruturas estruturadas e estruturantes* (BOURDIEU, 2009) de múltiplos campos sociais, que conferem a ela um alto grau de institucionalidade, mas que parece não ter um centro emissor (PRAZERES, 2013).

Se entendermos as tecnologias enquanto elementos materiais e simbólicos do campo comunicacional e cibercultural e que, em interrelação com o campo educacional podem representar não somente um repertório de dispositivos, mas também um repertório cultural, é possível afirmar também que é necessário estabelecer alguma relação com

elas, pois elas fazem parte da nossa sociedade, na medida em que, ainda que não sejam inevitáveis do ponto de vista dos recursos, o são do ponto de vista do universo simbólico.

Compreendendo as tecnologias a partir destas dimensões - e considerando a velocidade como valor fundamental da cibercultura, “embutido” nos dispositivos tecnológicos – é possível afirmar que ela circula nos ambientes simbólicos e materiais que aderem às tecnologias. A socialização – aparentemente difusa e desinteressada – promovida pela cibercultura e que *carrega* dispositivos *prescritores* de velocidade para espaços educacionais, encontra abrigo nesta *crença*, sustentada e reforçada por um “coro” simbólico, arranjo ao qual damos o nome de *moderna socialização escolar*.

3. A moderna socialização escolar

A *moderna socialização escolar* é um recurso usado para nomear o processo lento, por vezes oculto, de construção de sentidos (por meio de uma *alquimia simbólica*) que produz a *crença* nas tecnologias para a Educação e se converte em medidas práticas de prescrição e adoção de aparatos tecnológicos em espaços educativos.

Ainda que se aplique – no que diz respeito à noção específica – a contextos escolares, a *força* do fenômeno reverbera para outras dimensões do campo educacional e indexa todo o debate sobre a formação e a socialização dos indivíduos na contemporaneidade. Deste modo, se constitui como macrotendência que se mostra importante na composição de uma compreensão crítica das relações entre a Educação e a cibercultura.

A noção é um convite para adentrar um universo de sentidos que busca entender os processos de construção de um *consenso* tão forte, que se tornou uma *fé* dificilmente questionável nas tecnologias e suas funcionalidades. Trata-se de dar “*um passo para trás*”, quando, em se tratando do universo tecnológico, valoriza-se tanto o fato de se estar um “*passo à frente*”. Ou, como sugere Citelli (2017, p.24), trata-se de esforço de compreensão do que parece ser uma “nova racionalidade”, empreitada que pode se apresentar como modo de colocar o processo observado “a contrapelo”.

Ao compreender que existe um apelo pelas tecnologias, a noção de *moderna socialização escolar* permite reconhecer um tipo de violência simbólica (cujo expoente é imperativo da cibercultura sob a forma de convocação para a modernização via tecnologias) exercida e incorporada quando agentes e instituições a submetem e a ela são submetidos de maneira aparentemente natural ou “automática”.

Esta *ambiência forjada* pela *moderna socialização escolar* é responsável pela existência de um “clima” favorável à implementação de políticas e projetos modernizadores da Educação, na medida em que os agentes envolvidos nos processos parecem *comungar* de valores relacionados a esta ação modernizante, sinônimo de progresso.

A *moderna socialização escolar* é, então, a dinâmica macrossocial que *pressiona* - por meio de ação prescritiva - tais instituições pela adesão ao projeto cibercultural.

4. A aceleração social do tempo

A velocidade como valor epocal convertido em violência é uma das engrenagens da aceleração social do tempo, entendida como condição social histórica. Trivinho (2007) nomeia esta configuração como “dromocracia”. O autor explica que a mobilização do conceito de dromocracia se coloca à disposição de um interesse de “confronto em relação às formas e tendências do existente”, na medida em que

tensiona, a partir de dentro (vale dizer, de modo imanente), o seu próprio referente, ao evidenciar a ligação entre processo sociotécnico de fomento da velocidade e processo histórico permanente de destruição material e/ou simbólica da alteridade, de seu grupo ou classe social, de sua urbis, de seu ecossistema e de sua cultura, em suma, de sua alma (Trivinho, 2007, p.46).

A dromocracia seria o regime social, político e cultural que rege a contemporaneidade e que tem na velocidade seu epicentro descentrado, contribuindo para a construção desta ideia de que o veloz é o “natural”, quando, na realidade, sabe-se que este é um constructo social. Da compreensão da dromocracia, decorrem outras interpretações e aplicações como, por exemplo, a noção de dromoaptidão, que diz respeito às competências que os indivíduos devem desenvolver para existir e se relacionar. Um indivíduo dromoapto (ou seja: apto para atender ao regime social da velocidade como norma) é aquele que domina o conjunto de senhas infotécnicas necessárias para acessar ambientes e contratos sociais imprescindíveis para a sociabilidade a socialização em qualquer ambiente, na medida em que a vida em sociedade é indexada pela velocidade.

A reflexão sobre a condição dromocrática proporciona um olhar para a velocidade enquanto violência. É como se a “regra da velocidade” tivesse esta capacidade de se espalhar sem ser percebida. Ou sendo percebida como algo “normal”; ou ainda, como uma “escolha possível” ou “realidade escapável” quando, na verdade, se trata de uma

condição. A esta condição Rosa (2019) dá o nome de aceleração social do tempo, dinâmica que reconfigura as categorias de pensamento sobre o tempo e as temporalidades.

É justamente em busca da composição de uma dromologia - uma espécie de ciência da velocidade e da aceleração - que Rosa (2019) conceitua o processo de aceleração como sintoma e consequência do fato de as sociedades modernas serem capazes de se estabilizar apenas dinamicamente, de serem sistemática e estruturalmente dispostas a crescer, transformar-se e acelerar-se sempre mais para poder conservar sua estrutura e estabilidade. A tese do autor é a de que o crescimento econômico, a inovação tecnológica e a aceleração social caminham juntos.

Ele aponta para um paradoxo contemporâneo: o mundo tende ao mesmo tempo ao enrijecimento social e à paralisia frenética. Han (2014) concorda com Rosa (2010; 2019) quando afirma que esta sociedade “hiperativa, é - na verdade - hiperpassiva”, porque paramos de refletir e o pensamento é a mais “ativa atividade”. Para Rosa (2019), a transformação das estruturas temporais induzida pela aceleração possui consequências profundas para as formas culturalmente dominantes de inter-relações individuais e coletivas.

Ao analisar as estruturas temporais, o autor aponta que a aceleração social do tempo possui pelo menos três dimensões: (1) a aceleração técnica, que compreende a utilização de aparatos técnicos e tecnológicos para encurtar o tempo gasto em atividades como transporte, produção, comunicação etc.; (2) a aceleração das transformações sociais, que compreende o aumento do ritmo de transformações nas estruturas políticas, culturais, religiosas, científicas etc; e (3) a aceleração do ritmo de vida, que concerne ao aumento da frequência de ações e vivências por unidade de tempo, gerador da sensação de falta de tempo.

Rosa (idem) questiona o automatismo da correlação entre aceleração e centralidade tecnológica. Para ele, “a experiência da aceleração e da escassez temporal no centro do processo de modernização não são de forma alguma uma simples consequência da aceleração técnica” (p.90), porque “a aceleração técnica não obriga a um aumento do ritmo de vida, mas modifica as medidas de tempo que embasam nossas ações e planos” (idem).

Ele define a aceleração, portanto, como o “aumento da quantidade por unidade de tempo” (idem, p.129). Ou seja: o aumento de eficiência e velocidade:

a sociedade moderna pode ser entendida como sociedade da aceleração no sentido de que ela contém em si (através de inúmeros pressupostos estruturais e culturais) uma junção de ambas as formas de aceleração - a aceleração técnica e a intensificação do ritmo de vida através da redução de recursos temporais - e da tendência à aceleração e ao crescimento (ROSA, 2019, p.135).

Para Rosa (idem, p.271), “a retórica da promessa da aceleração é cada vez mais substituída, tanto no plano individual quanto no político, pela retórica da compulsão à adaptação”. No mundo da comunicação, essa compulsão encontra terreno fértil, ainda que para Wolton (2011, p.82) isso se configure em uma cilada: “a velocidade é provavelmente a maior armadilha da vitória da informação”. Para o autor, “a aceleração da produção e da transmissão de um número crescente de informações não é mais o suficiente para criar aumento de comunicação”. Pelo contrário: “por haver cada vez mais informação circulando (...) cada vez há mais incomunicação”.

E a incomunicação é a morte da complexidade na Sociedade da Transparência. Para Han (2018), para a “hipercomunicação anestésica” acontecer, é preciso acelerar e reduzir a complexidade: “os sentidos são morosos, sendo um empecilho para o circuito veloz da informação e da comunicação. Assim, a transparência caminha passo a passo com um vazio de sentido. A massa de informações e de comunicação surge de um horror vacui [horror ao vazio]” (p.36).

5. A velocidade como elemento de um currículo oculto

No contexto da vida midiaticizada e dos fluxos das redes digitais, as pessoas se relacionam, se expõem e dialogam em *condição de aceleração*. A velocidade, que emerge nos contextos e ambientes de comunicação, troca e diálogo como uma espécie de “inovação” a ser escolhida, se torna aos poucos hábito, se espraia como norma e se converte em padrão. Ao se converter em padrão, a velocidade perde sua qualidade de escolha e transmuta em violência.

Em artigo apresentado neste GP, Prazeres (2020) aponta que “na dinâmica de construção da *moderna socialização escolar*, é possível detectar a presença da velocidade de duas maneiras fundamentais”: (1) enquanto valor presente nos repertórios discursivos relacionados a este processo nos diversos campos sociais envolvidos na sua construção; (2) enquanto engrenagem da ação modernizante da escola, que deve ser equipada com tecnologias, para se renovar sem “perder o *bonde da história*”.

A velocidade é um dos valores que a cibercultura - em sua tendência totalizante - costuma *prescrever*. Outros destes valores são a inovação, a inclusão (digital), a eficiência, a interatividade, a conectividade, a mobilidade, a visibilidade, a flexibilidade, a transformação e o lúdico (especialmente relacionada ao universo dos *games*).

Tais valores estão constantemente associados a uma ideia de progresso e desenvolvimento, à qual estamos suscetíveis por se tratar, inevitavelmente, de algo positivo. Por sua vez, este avanço remete ao novo, como se este novo encerrasse apenas coisas boas. Portanto, a modernização só conteria bons aspectos, o que explica o fato de sua noção estar constantemente acompanhada de sentidos de crescimento e desenvolvimento e de caminhos que conduzem ao ápice ou apogeu. Esta positividade existe também atrelada às noções de tempo e temporalidade, na medida em que existe “um elo quase imediato entre facilidades permitidas pelo uso das tecnologias nas salas de aula e economia de tempo” (CITELLI, 2017, p.15).

A narrativa da *moderna socialização escolar* representa as tecnologias como artefatos capazes de trazer mais atratividade para a sala de aula e mais interesse por parte dos alunos. Velocidade, ludicidade, mobilidade e colaboração são alguns dos valores atribuídos às ferramentas, sistemas ou recursos como a internet, os *games*, a computação em nuvem (armazenamento remoto) ou a robótica, as redes sociais, a tecnologia 3D; e aparatos como *smartphones*, *laptops*, lousas digitais, mesas digitais e *tablets*. Mobilidade, velocidade e versatilidade são alguns dos valores atribuídos a “novas pedagogias” que chegariam à escola *na esteira* da adesão de tecnologias.

A velocidade, por sua vez, é representada de múltiplas maneiras no mosaico simbólico que compõe a agenda da *moderna socialização escolar*: (1) como benefício; (2) como agenda política; (3) como habilidade desejada; (4) como facilitadora das práticas educativas; (5) Como motor da aceleração e obstáculo à reflexão.

Seria possível afirmar que, ainda que em alguns dos campos exista espaço e condições para o que poderia ser uma visão crítica, a velocidade como valor cibercultural se transmuta em políticas e práticas, porque é um assunto legítimo, autorizado, circulante e visível nestes repertórios. Ou seja: existe um *consenso* em relação à relevância da velocidade. Ainda que exista ponderação, a ideia se faz presente como imperativo material e simbólico nas estratégias de prescrição tecnológicas para a educação.

Um ciclo de reforço material e simbólico se fecha, dando conta de que a velocidade é um dos valores desejáveis atribuídos às tecnologias na construção de um

entendimento comum; as tecnologias, por sua vez, *devem* estar presentes nos ambientes educativos, pois seriam capazes de *revolucionar* a qualidade da educação. E um dos principais atributos destas tecnologias (imputado a elas por esta construção material e simbólica) é a velocidade.

Este parece ser um problema plantado no coração dos processos de aceleração tecnológica não apenas na educação, mas que se expande também para os espaços educativos. E esta questão parece ter se aprofundado com a pandemia da COVID-19: com a transposição de espaços educativos para os ambientes digitais, e a tecnologia se apresentando como solução, parece que apertamos o freio do que parecia ser um movimento de “sobriedade digital” (MOROZOV, 2020).

Os tensionamentos parecem ter se afrouxado entre outros aspectos, em função do ensino emergencial remoto (PRAZERES, LUZ-CARVALHO e GIL, 2020), que se estabeleceu como realidade (deve-se ressaltar: desigual, inacabada, incompleta e descompassada, reforçando desigualdades preexistentes) no Brasil durante um longo período de isolamento social.

6. Considerações para o debate

Em sua Tese de Doutorado, Junqueira (2014) aponta que as *literacias* digitais devem considerar as habilidades cognitivas e não cognitivas necessárias ao aprendizado, segundo as seguintes características principais: (1) literacia do pensamento hipermídia³; (2) literacia de reprodução⁴; (3) literacia da informação⁵; (4) literacia fotovisual⁶, e (5) literacia sócio emocional⁷. A velocidade – estabelecida como lógica estruturante da sociedade em condição de aceleração social do tempo – atravessa estas cinco dimensões e – ao mesmo tempo – não é necessariamente considerada enquanto *estrutura estruturada*

³ A que “permite a interação com as estruturas hipermidiáticas, não lineares, que constituem o ambiente on-line. Reporta-se à necessidade de utilizar estratégias de busca de informação e de construção de conhecimento de modo não linear, a partir de estratos, partes e frações selecionadas e pertinentes à obtenção da informação buscada. Requer orientação espacial e multidimensional para a navegação e pensamento abstrato” (JUNQUEIRA, 2014, p.218).

⁴ A que se refere “às habilidades de copiar, cortar, colar, compartilhar, editar e reelaborar conteúdos disponíveis on-line” (JUNQUEIRA, 2014, p.221).

⁵ A que diz respeito “às capacidades de reconhecimento das necessidades de informações; identificação, localização, uso e avaliação das fontes; seleção, tratamento, criação e comunicação da informação para o tratamento dos problemas de pesquisa identificados” (JUNQUEIRA, 2014, p.222).

⁶ A que se “baseia nas capacidades de codificação/decodificação das interfaces gráficas e visuais presentes no ambiente e da interação com esses recursos digitais no ambiente on-line” (JUNQUEIRA, 2014, p.225).

⁷ Aquela que se “correlaciona às habilidades de compartilhamento de informações e emoções em rede. Reporta-se, identicamente, às capacidades de engajamento social, participação e colaboração para a produção coletiva do conhecimento” (JUNQUEIRA, 2014, p.230).

e estruturante (e, portanto, passível de reflexão) em nenhum deles, pressionando o pensamento sobre o campo a construir elaborações que possam promover tensionamentos críticos ao que parece se dar como norma.

Bezerra e Schneider (2022) afirmam que

a competência crítica em informação que se manifesta nas mais diversas práticas informacionais não pode ser vislumbrada em sua dimensão meramente técnica, estando necessariamente vinculada à consciência crítica que orienta a ação ético-política. Não obstante, ações e práticas eficazes e eficientes que estejam orientadas a interesses de valorização de capital político ou econômico, em franco descompromisso com o combate às desigualdades e formas de opressão, não são expressão, e sim alvo da crítica da competência crítica em informação (BEZERRA E SCHNEIDER, 2022, p.268).

A reflexão dos autores caminha em direção que que Sodré sugere quando afirma que “conceber hoje outra plataforma interpretativa do fenômeno comunicacional exige uma

pré-compreensão” (...) da comunicação como um horizonte humano não esgotado pela dimensão funcional, portanto, exige uma apreensão política (no melhor sentido desta palavra) da condição humana no âmbito das novas configurações do capital e da tecnologia (SODRÉ, 2014, p.167).

Para o autor, “o conhecimento comunicacional é indissociável da nova sensibilidade cotidiana, que emerge historicamente com as injunções culturais de todas as novas tecnologias” (idem, p.178). Se encarmos, como sugere Sodré, a “comunicação como uma ciência redescritiva do comum humano”, (p.189), é preciso incluir neste pensamento comunicacional a multiplicidade de inter-relações da aceleração social do tempo com a comunicação não apenas em seu sentido funcional, mas enquanto ação socializadora, mediadora de cultura, potencializadora de percepções e ambiência social de convívios.

Trivinho relembra que

a crítica é mais que um mero ingrediente constitutivo dos meandros da teoria; representando uma mediação mais avançada na elaboração teórica – mais-mediação que reescala todos os pertences desse fazer –, ela reflete certa relação de tensão necessária com a forma e com os fluxos do mundo. Nessa medida, do mesmo modo que uma crítica sem fundamentação teórica e sem renovação epistemológica é um produto fadado à atrofia, uma reflexão teórica que não encerre a mais-mediação da crítica é uma construção desprovida de potencial de fissão. E o que não possui tensão interna apresenta-se inócuo, não produz nenhum movimento e seu destino resulta sempre viciado: converge para o interesse das estruturas existentes (TRIVINHO, 2001, p.16).

Ancorados nesta compreensão da crítica e da necessidade de esta se exercer como tensionsamento do campo, propomos que uma compreensão contemporânea das *literacias* digitais precisaria incorporar a leitura da centralidade da Comunicação, da

imbricação tecnológica e das reverberações materiais e simbólicas para os entrecruzamentos entre educação e comunicação, entre eles, a velocidade e a aceleração social do tempo.

No âmbito da construção de um programa amplo e crítico para as *literacias* digitais é possível reivindicar uma compreensão destas para além das habilidades e das competências e que incorpore a categoria da crítica aos usos, conteúdos e às estruturas (sociais, econômicas, políticas, sociotécnicas e imateriais) do digital.

Não se trata apenas do desenvolvimento de práticas. Não se trata apenas de usos e apropriações. Trata-se de um debate no âmbito das renovações epistemológicas. Não se trata apenas de modelos de ensino, mas é também um debate sobre eles. É também uma conversa sobre ética. Sobre *literacias* não apenas técnica e racionalmente, mas em termos afetivos. É também um diálogo sobre regulação, sobre como as arquiteturas de plataforma determinam as experiências, sobre conhecer para poder fazer escolhas, sobre o que está sendo apropriado pelo Norte e pelo Sul global, é sobre o “direito a desconectar” nas sociedades reguladas pelo regime temporal 24/7.

Acredita-se que esta é uma sugestão que precisa ser avaliada, validada e ampliada. Espera-se que as articulações aqui propostas possam reverberar em investigações que se proponham a explorar os entrecruzamentos aqui apontados.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BEZERRA, Arthur e SCHNEIDER, Marco. **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis** / Bezerra; Marco Schneider (org.). – Rio de Janeiro: IBICT, 2022. – (Coleção PPGCI 50 anos) 274p. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1200ISBN978-65-89167-67-9>

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CITELLI, Adilson (Org.). **Comunicação e educação: os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

CITELLI, Adilson. **Educomunicação: em torno da técnica e da cultura**. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação | Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2014. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1863-1.pdf>

CITELLI, Adilson. **Educomunicação: em torno dos diálogos culturais**. 2013, Anais. Santiago de Compostela: IBERCOM, 2013. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002661821.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2022.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. São Paulo: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. São Paulo: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HUI, Yuk; traduzido por Humberto Amaral. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

JUNQUEIRA, Antonio Helio. **Literacias digitais no ensino-aprendizagem de professores: uma abordagem netnográfica dos cursistas do programa Redefor-USP**. 2014. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.27.2014.tde-16102014-094412.

KOERNER, Andrei. **Capitalismo e vigilância digital na sociedade democrática**. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2021, v. 36, n. 105 [Acessado 7 Junho 2022], e3610514. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/3610514/2020>>. Epub 15 Jan 2021. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/3610514/2020>.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidade em convergência**. Matrizes [online]. 2014, 8(2), 15-33[data de Consulta 31 de Março de 2021]. ISSN: 1982-2073. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p15-33>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/90445>

MARTINEZ DE TODA, Jose. **Le Sei Dimensioni della Media Education (Metodologia di Valutazione)**. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2002.

MARTINO. Luís Mauro de Sá. **Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 45, p. 16-34, maio/ago. 2019. <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/77889/50501>

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PRAZERES, Michelle e RATIER, Rodrigo. **O fake é fast? Aproximações entre velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Dossiê “Qualidade no Jornalismo, Democracia e Ética”. Volume 16 no 2 (2020/1). DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p86>

PRAZERES, Michelle, GIL, Carolina.; LUZ-CARVALHO, Tatiana. **Do presencial ao remoto emergencial: trânsitos da educação infantil na pandemia**. Linhas Críticas, [S. l.], v. 26, p. e36262, 2021. DOI: 10.26512/lc.v26.2020.36262. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36262>.

PRAZERES, Michelle. **Tecnologias, aceleração e Educação: aproximações entre as noções de aceleração social do tempo, moderna socialização escolar e cultura slow**. Anais do GP Comunicação e Educação do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1886-1.pdf>

PRAZERES, Michelle. **Jornalismo lento – Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais**. Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM. v. 2, n. 4, 2018. Disponível em: <http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/71>

PRAZERES, Michelle. **A moderna socialização escolar: um estudo sobre a construção da crença nas tecnologias digitais e seus efeitos para o campo da educação.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.48.2013.tde-10102013-113416.

PRAZERES, Michelle. **COMUNICAR DEVAGAR: Como o ensino, a pesquisa e a prática de Jornalismo podem se inspirar no movimento slow para desacelerar.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. JUL. / DEZ. 2017. Disponível em: <https://revistalibero.casperlibero.edu.br/sem-categoria/comunicar-devagar-como-o-ensino-a-pesquisa-e-a-pratica-de-jornalismo-podem-se-inspirar-no-movimento-slow-para-desacelerar/>

PRAZERES, Michelle. **Redes glocais: articulação política e mobilização social na civilização midiática contemporânea.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2005. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/dados/dissertacoes/a_pdf/disserta_michelle_prazeres_redes_glocais.pdf>.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade.** Tradução: Rafael Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo.** Tempo soc., São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, Nov. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200015&lng=en&nrm=iso> <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200015>.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Família, escola e mídia: um campo com novas configurações.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, June 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100008&lng=en&nrm=iso>. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100008>.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **CAPITALISMO DIGITAL: As redes digitais e o neoliberalismo.** Revista Ciências do Trabalho. n. 20. 2021. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/issue/view/21/showToc>

SILVEIRA, Sergio Amadeu; AVELINO, Rodolfo; e SOUZA, Joyce. A privacidade e o mercado de dados pessoais. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/34409> Revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia (PBCIB). VOL. 12, NO 1 (2017) DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1981-0695.2017v12n1.34409>

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização midiática contemporânea.** São Paulo: Paulus, 2007.

TRIVINHO, Eugênio. **O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual.** Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulinas, 2011.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância.** São Paulo: Intrínseca, 2021.